



Soares eleito presidente

1986

Em Portugal o importante não é ser ministro, é tê-lo sido
(Almeida Santos)

Os partidos políticos, em determinado país e determinada época têm todos virtualmente o mesmo grau, pouco ou muito, de corrupção... Os partidos de governo – isto é, os partidos que frequentemente governam, e por isso, em geral, os maiores – agregam mais videirinhos e mais interesseiros, pela simples razão de que os videirinhos e os interesseiros buscam naturalmente os partidos que os podem empregar e recompensar, e esses são, naturalmente, os partidos que governam, ou frequentemente governam, e não os que nunca vão ao poder
(Fernando Pessoa)

● **De Tchernobyl ao Encontro de Assis** – No primeiro ano em que Portugal se assume como membro de pleno direito das Comunidades Europeias, começa a esboçar-se o cavaquismo, temos, como marcos fundamentais, a assinatura do Acto Único Europeu (17 e 28 de Fevereiro), a consolidação do reformismo de Gorbatchov, que faz uma cimeira com Reagan em Reijekavique (11 de Outubro) e dá liberdade a Sakharov (19 de Dezembro), mas sofre os efeitos do acidente na central nuclear de Tchernobyl (26 de Abril), bem como o começo dos encontros ecuménicos de Assis (27 de Outubro) por iniciativa do Papa João Paulo II. Entretanto, há uma nova vaga terrorista em França, onde se dá *le retour de la droite* (Bourricaud), com a vitória da plataforma comum de oposição nas eleições legislativas (16 de Março), a aliança do RPR de Jacques Chirac e a UDF de Jean Lecanuet, constituindo-se um governo, sob a presidência do primeiro, iniciando-se o período da chamada *coabitação*, com Mitterrand. Na Suécia é, entretanto, assassinado o líder social-democrata Olof Palme (28 de Fevereiro) e morre o líder moçambicano Samora Moisés Machel (1933-1986), num estranho acidente de aviação (19 de Setembro).

● **Barata Moura e Boaventura Sousa Santos** – O Ministro da Defesa português lança um livro branco sobre a defesa nacional e consagra-se o principal filósofo marxista português do século XX, José Barata Moura, com dois densos volumes editados pela Caminho, ainda intimamente ligada ao PCP, *Da Representação à Práxis e Ontologias da Práxis e Idealismo*. Já Boaventura Sousa Santos edita na Universidade de Wisconsin, *On Modes of Social Power in the Law*, renunciando aquele que vai ser um dos *gurus* da nova sociologia, muito sinónimo de socialismo de extrema-esquerda. Mantendo a coerência do neo-hegelianismo gentiliano, destaque-se também, António José de Brito, com *Para uma Filosofia*, enquanto António Quadros continua a sua batalha de resistente sebastianismo com os dois volumes de *Portugal, Razão e Mistério* (1986-1987). Curioso é o esforço de teorização de uma ecologia social-democrata em Carlos Pimenta, *Aposta no Homem*.

●**Europa conosco** – Portugal e Espanha entram nas Comunidades Europeias (1 de Janeiro). Assinatura do Acto Único Europeu que entrará em vigor em 1 de Julho de 1987 (17 de Fevereiro - no Luxemburgo - e 28 de Fevereiro de 1986 - em Haia)

●**10ª Eleição presidencial** – 7 612 733 eleitores e 5 937 100 votantes (26 de Janeiro e 16 de Fevereiro de 1986). Mário Soares, o candidato do *povo de esquerda*, derrota Diogo Freitas do Amaral, apoiado pelo PSD e pelo CDS. Na primeira volta, em 26 de Janeiro: Freitas do Amaral, 46, 315% (apoio do PSD e do CDS); Mário Soares, 25,43% (apoio do PS); Salgado Zenha, 20, 88% (apoio do PRD e do PCP); Maria de Lurdes Pintasilgo, 7, 38%. Na segunda volta, em 16 de Fevereiro: Mário Soares, 51, 18%; Freitas do Amaral, 48, 82%. Congresso extraordinário do PCP decide apoiar Mário Soares (2 de Fevereiro).

●**Presidência aberta** – Mário Soares inicia as campanhas da *presidência aberta* em Guimarães, inaugurando um novo estilo de presidência (15 de Setembro).

●**Greves e turbulências** – Chegam a Lisboa os refugiados portugueses do Zaire (20 de Março). Motim na prisão de Vale dos Judeus (23 de Março). Acidente ferroviário na Póvoa de Santa Iria provoca 19 mortos (5 de Maio). Começa um conflito interno na selecção portuguesa de futebol, no campeonato mundial do México, no chamado caso Saltillo (11 de Maio). Morrem quinze bombeiros num ataque a um incêndio, na



serra do Caramulo (14 de Junho). Lisboa fica sem abastecimento de gás durante quatro dias, devido a uma greve (16 de Junho). Espectacular evasão da cadeia de Pinheiro da Cruz dos cadastrados irmãos Cavaco (28 de Julho).

●**Terrorismo** – Novo assassinato terrorista FP25 liquidam o Director-Geral dos Serviços Prisionais, Gaspar Castelo Branco (15 de Fevereiro). Começa em Monsanto o julgamento das FP-25. Oteló está entre os arguidos (3 de Outubro).

●**Reformas e ilusões** – Serviço militar obrigatório é reduzido para doze meses (16 de Janeiro de 1986). No hospital de Santa Cruz, em Carnaxide, realiza-se a primeira transplantação cardíaca (18 de Fevereiro). Nasce em Lisboa o primeiro *bébé-proveta* português (24 de Fevereiro). Termina o regime do papel selado (1 de Abril). Aprovada a nova Lei da Rádio, visando disciplinar as chamadas *rádios-piratas* (27 de Maio). O Conselho de Concertação Social consegue um acordo sobre rendimentos e preços, entre os vários parceiros sociais, de que apenas se exclui a Intersindical (29 de Julho). A atleta portuguesa Rosa Mota consagra-se campeã europeia da Maratona, em Estugarda (26 de Agosto). Inicia-se com grande espectacularidade o programa de saneamento das praias, com demolições de casas clandestinas na serra da Arábida (14 de Outubro). Cimeira Ibérica em Guimarães reúne Cavaco Silva e Felipe González (24 de Outubro).

●**Partidos** – Congresso do Partido Socialista. Vítor Constâncio assume o cargo de secretário-geral (20 de Junho). Ramalho Eanes assume a presidência do PRD (19 de Outubro) MDP abandona a APU (8 de Novembro).

●**Do Bloco Central aos irmãos inimigos** – PSD, que é *social democrata* a caminho do socialismo passa a reformista a caminho da social-democracia e, transformando tal meio de *construção do socialismo* no seu próprio fim, filia-se activamente na *Internacional Reformista e Liberal*. Assumiu-se como um *estado dentro do Estado*, numa grande aliança entre as bases e os grupos de pressão que balouçam, respectivamente, entre uma memória mítica de oposição e a realidade concreta do poder, quase vive em regime de heterónimos, com a ilusão de ter um pé no poder e outro na oposição. O PS, que teve o sonho mexicano do *partido revolucionário institucionalizado*, para *vencer a crise e salvar a revolução*, que é socialista democrático e marxista, deixa de ser marxista, quase trinta anos depois do SPD, passando a aceitar a social-democracia à europeia. O PSD tem como líder o economista Cavaco Silva, ex-quadro do Banco de Portugal e ex-ministro das Finanças. O PS tem como líder o economista Vítor Constâncio, ex-quadro do Banco de Portugal e ex-ministro das finanças. Ambos ministros em governos

participados pelo CDS. Entre os dois há mais semelhanças do que diferenças e só as encruzilhadas geracionais podem explicar diversas opções partidárias. Com os dois, talvez o governo do *Bloco Central* tivesse sido estável e coerente, sem se reduzir à caricatura de mero *bloco central de interesses*. Com os dois, o debate entre o PSD e o PS, mais do que um combate entre um partido da situação e um partido da oposição acaba por transformar-se numa simples rivalidade entre *irmãos-inimigos*. Ambos se proclamam da social-democracia e repudiam programas liberais, tendo conquistado inesperadamente a liderança dos respectivos partidos contra adversários ditos *políticos*, enquanto também coincidiu na defesa de uma bipolarização política. Um é Primeiro-Ministro, outro quer ser Primeiro-Ministro. Aliás, os dois assumiram o poder partidário criticando o soarismo. E não é por acaso que o general Eanes tem por ambos uma profunda simpatia. Entretanto, o Presidente Soares, no Palácio de Belém, vai-se libertando do soarismo e dos soaristas e tem a oportunidade de se assumir supra-partidariamente, escapando à política de coabitação à francesa, dado que *presidencializa*, mas não *governa*. Enquanto isto, Cavaco Silva, vivendo a vertigem de um governo minoritário e entusiasmado pelo resultado das sondagens, tenta fazer o contrário do laxismo dos anteriores governos soaristas. Assumindo uma acutilância que, apesar de corajosa, toca, por vezes, as raías da arrogância, caminha, contudo, sobre as areias movediças de um quadro parlamentar, onde a oposição tem a maioria. Tenta, por isso, à semelhança do gaullismo e num estilo por vezes quase peronista, o diálogo magnético com a opinião pública. Mas Cavaco Silva não tem *une certaine idée* de Portugal equivalente à do general De Gaulle e nem sequer pretende lançar as sementes totalitárias em que Péron enredou a Argentina. Talvez não queira repetir o Marquês de Pombal nem João Franco, mas cai, entretanto, nalgumas tentações de Costa Cabral e de Fontes Pereira de Melo.

Pessoa, Fernando (1978): 298, 299